



Revista
de
Psicologia

DA PSICOPATOLOGIA À PSICODINÂMICA DO TRABALHO: TRAJETÓRIAS DA ESCOLA FRANCESA

FROM PSYCHOPATHOLOGY TO WORK
PSYCHODYNAMIC:
THE FRENCH SCHOOL APPROACHES

Adriana Maria Gurgel Gomes¹

RESUMO

O presente artigo pretende traçar um breve panorama histórico sobre o surgimento e desenvolvimento da psicodinâmica do trabalho como disciplina, visualizando sua proposta de compreensão dos fenômenos de saúde relacionados com o trabalho e principais conceitos teóricos.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho, sofrimento no trabalho, organização do trabalho, condições de trabalho.

ABSTRACT

This article intends to present a brief historic panorama concerning the beginning and development of work psychodynamic while a discipline. At the same time it treats the proposition of this field for the comprehension of health reality related to work and the main theoretic concepts.

Key words: work psychodynamic; suffering at work; work organization; work conditions.

¹Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: adrianagurgel@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

As relações do homem com o trabalho têm provocado diversas reflexões e teorias acerca do seu significado e de suas influências no modo de vida da sociedade. Na área de estudos da saúde mental, as investigações iniciais voltaram-se para as conseqüências que o trabalho poderia ocasionar como resultante da criação de um novo campo de estudo denominado psicopatologia do trabalho, preocupada com o papel do trabalho na gênese das doenças mentais.

O interesse dos primeiros estudos sobre psicopatologia do trabalho residia na investigação sobre as conseqüências que o trabalho poderia ter para a saúde psíquica do trabalhador e suas possibilidades de participação no surgimento e desenvolvimento de doenças mentais. Christophe Dejours (1994) propôs a alteração da terminologia de psicopatologia para psicodinâmica do trabalho, incluindo não mais apenas o conteúdo patogênico do trabalho em seus estudos, como também abrindo espaço para pesquisas sobre o potencial de desenvolvimento do trabalho e seu poder de estruturação e de saúde.

Abordaremos a temática de saúde mental e trabalho à luz da proposta da psicodinâmica do trabalho, com um relato sobre o contexto da época em que esta surgiu, as principais escolas precursoras, até irmos ao encontro dos seus conceitos fundamentais elaborados por Dejours (1992, 1994 e 1999) em sua tentativa de compreensão das relações dinâmicas entre homem e trabalho.

2 ORIGENS E PRINCIPAIS PRECURSORES DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Lima (1998) demarca o surgimento do campo de saúde mental no trabalho como originário na França, após a Segunda Guerra Mundial, como uma vertente da chamada psiquiatria social, a fim de atender as novas demandas surgidas no trabalho. Desenvolveu-se no período do pós-guerra, tendo como bases históricas a modernização da indústria francesa e suas tentativas de otimização da produção, a criação de políticas de prevenção na área da saúde e suas conseqüentes medidas de "higiene social" e a consolidação do trabalho como um campo de estudo das disciplinas sociológicas, psicológicas e médicas.

Durante essa época, Paul Sivadon, psiquiatra francês, foi quem utilizou pela primeira vez o termo psicopatologia do trabalho, em um artigo publicado em 1952, reconhecendo e relacionando certos tipos de trabalho como geradores de conflitos e pressões insuportáveis que possibilitariam a emergência da doença mental. Sivadon iniciou seus estudos nos anos 1950, tendo como base a organogênese, concepção que entendia a doença mental como derivada de alterações orgânicas. Foi um dos primeiros a admitir as relações entre trabalho e doença mental. Precursor do movimento antimanicomial, defendia que a internação só deveria ser feita como último recurso e por pouco tempo. Propôs que o doente mental tivesse como um dos recursos terapêuticos o trabalho. As pesquisas realizadas por Sivadon destacavam que as doenças mentais poderiam ter sido ocasionadas por danos físicos, químicos e biológicos causados pelo trabalho. (LIMA, 2002).

Os estudos de Louis Le Guillant, contemporâneo de Sivadon, colocaram em evidência as síndromes relacionadas à saúde mental e os impactos do trabalho no psiquismo humano, considerando o papel do meio social no surgimento e desaparecimento dos distúrbios mentais, reconhecendo a importância das transformações sóciohistóricas. Para este autor, a doença mental no trabalho seria o reflexo de toda a história de vida do indivíduo conjugada com as condições de trabalho. Le Guillant foi o expoente de uma corrente teórica denominada sociogênese, na qual a doença mental era vista como uma questão social. Tentou compreender as relações entre o contexto do trabalho e os distúrbios mentais. Estudou os efeitos psicopatológicos do trabalho em diversas categorias profissionais, como telefonistas e empregadas domésticas. (LIMA, 2002).

Os acontecimentos de maio de 1968 na França, período de turbulências, greves estudantis, em que diversas categorias profissionais refletiam sobre a sociedade de consumo e a alienação, aumentaram a demanda social por maiores estudos sobre o trabalho e suas conseqüências para a saúde.

A partir da década de 1980, os estudos sobre a interface entre homem, trabalho e saúde mental encontraram referência e forte impacto na obra do médico psiquiatra francês Christophe Dejours

(1992, 1994, 1999), que preferiu a denominação psicodinâmica do trabalho à psicopatologia do trabalho, ampliou, assim, o estudo das doenças mentais para as estratégias de defesa contra o adoecer, incluindo a normalidade na relação dinâmica entre o homem, o trabalho e sua subjetividade. Dejours procurou ir além dos estudos que anteriormente eram voltados para identificar doenças mentais específicas relacionadas à profissão ou situação de trabalho. A psicodinâmica do trabalho preocupa-se com as origens e as transformações do sofrimento vinculado à organização do trabalho, não considerando mais o trabalho como causador de doenças mentais, podendo, no máximo desencadeá-las, reconhecendo o poder estruturante que o trabalho pode ter tanto na saúde física como mental.

3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Os conceitos fundamentais da psicodinâmica do trabalho apóiam-se em variáveis denominadas *Condições de Trabalho* e a *Organização do Trabalho*. A primeira pode prejudicar, mais especificamente, a saúde do corpo do trabalhador e tem relação com as condições do ambiente em que se desenvolve o trabalho: tarefas repetitivas, má condição do ambiente físico, riscos de acidentes, dentre outros. Já a segunda atua mais diretamente em nível do funcionamento psíquico, portanto está mais relacionada às condições subjetivas tais como: as relações de hierarquia e poder, o conteúdo da tarefa, as competências exigidas para o cargo e as questões de responsabilidade. (DEJOURS, 1994).

Sobre as *Condições de Trabalho*, somos levados a acreditar que o seu efeito sobre o sofrimento do trabalhador foi bastante atenuado devido à mecanização e à robotização, que teriam “suavizado” e minimizado o impacto das obrigações mecânicas. O sofrimento com o trabalho não diz respeito somente ao corpo, pois o mesmo também existe na esfera subjetiva, representada mais comumente pela angústia que o sujeito sente por não se considerar apto a satisfazer as imposições da *Organização do Trabalho*, como ritmo, formação, aprendizagem, grau de instrução, diplomas, experiência, rapidez na aquisição de conhecimentos, adaptação à cultura da empresa, dentre outras. É no âmbito da *Organização do Trabalho*,

aliada à história de vida do sujeito e a sua estruturação psíquica, que irão se constituir os elementos facilitadores ou não da saúde do trabalhador. A *Organização do Trabalho* é a variável fundamental da psicodinâmica do trabalho, por ser a dimensão em que as regras para a divisão do trabalho serão estabelecidas, exercendo influência no funcionamento psíquico e gerando vivências de prazer ou de sofrimento. A possibilidade do prazer emergir nas relações profissionais deve-se ao fato de que o trabalho não é visto só como lugar de sofrimento, podendo também vir a proporcionar prazer, transformação e criatividade, de acordo com o equilíbrio contido entre as exigências psíquicas de satisfação de desejos inconscientes e as da *Organização do Trabalho*. Assim, a busca pelo prazer e a fuga do desprazer constituem um desejo permanente para o trabalhador. (DEJOURS, 1994).

A psicodinâmica do trabalho apóia-se em conceitos do referencial psicanalítico, revelando forte influência destes em sua teoria. Essa base epistemológica tem sido polêmica, uma vez que o próprio Dejours (1994) reconhece que a Psicanálise não fez referências ao trabalho e suas conseqüência patológicas. A Psicanálise seria então provocada a considerar os fenômenos do mundo do trabalho e seus impactos sobre a dinâmica intrapsíquica e a subjetividade. Alguns conceitos fundamentais da psicodinâmica do trabalho apóiam-se claramente nos escritos de Freud.

Segundo Freud (1974), a atividade psíquica do homem caminha em duas direções: busca pelo prazer e ausência de sofrimento e desprazer. O prazer estaria relacionado à satisfação de necessidades, tendo em vista as restrições impostas pela sociedade. O sofrimento é caracterizado por sensações não agradáveis provenientes da não satisfação de necessidades. Para tentar eliminar o desprazer, o ego utilizaria métodos oriundos do mundo exterior, estando assim o sofrimento associado com as relações que o sujeito estabelece com a realidade. O autor reconhece que o ser humano atingiu, através da ciência e da tecnologia, um alto nível técnico de civilização, mas que isto não trouxe a “tão sonhada felicidade”, uma vez que a própria civilização para ser construída remete a uma renúncia e a uma não satisfação de desejos inconscientes poderosos, vivendo o homem, assim, um antagonismo entre as exigências do desejo e as restrições da sociedade.

O conflito, segundo a psicodinâmica do trabalho, poderá então estar situado no dese-quilíbrio entre as exigências da *Organização do Trabalho* e as necessidades psíquicas do trabalhador. De um lado, encontra-se o sujeito, portador de uma história singular e única, com suas necessidades de prazer e, de outro, a organização que busca a adaptação do trabalhador a um determinado modelo produtivo independente da vontade do sujeito. Trata-se do confronto entre uma subjetividade já constituída que vai ser exposta à realidade da *Organização do Trabalho*, tendo como produto o sofrimento psíquico que, dependendo da forma de como for elaborado, poderá ou não causar impacto sobre a saúde mental.

O sujeito irá articular as formas de como lidar com o sofrimento, de modo singular, em função de seu passado e de sua estrutura de personalidade. Prazer e sofrimento são influenciados pela história de vida do sujeito, remetendo a sua infância, suas relações parentais originadas no processo de identificação da criança com a mãe e do medo da perda do objeto amado. O modo como foi vivenciada esta relação será reproduzido nas escolhas feitas no decorrer da vida do sujeito e, conseqüentemente, em suas relações com o trabalho. (MENDES, 1996).

De acordo com o referencial psicanalítico, é na infância que o psiquismo humano é estruturado. Inspirada nas descobertas de Freud sobre a infância, Melanie Klein (1991) desenvolveu estudos com bebês e identificou que as relações objetais têm profundas raízes infantis. A mãe, ou quem exerce a função materna, é o primeiro objeto que o bebê toma como parte de seu mundo interno e representará, para ele, o mundo externo. Se a relação mãe-bebê for boa, positiva, torna-se base para identificações prazerosas futuras. O mundo interno passa a conter, predominantemente, objetos e sentimentos agradáveis, estendendo estes sentimentos positivos para outros objetos e revelando uma personalidade estável. Mas se a relação mãe-bebê for dominada por frustração e dor, ocasionará sentimentos de perseguição e impulsos destrutivos tais como inveja e ressentimento, refletindo na vida adulta. Assim, o modo de lidar com os infortúnios e suas transformações em algo proveitoso ou em fixação de elementos causadores de sofrimento será reflexo das escolhas objetais infantis. As diferentes reações frente às situações de trabalho, o modo

como se relaciona com *Organização do Trabalho* são frutos da história de vida pessoal e singular de cada um. O sofrimento e o prazer no trabalho são vivências subjetivas de cada trabalhador e se articularão em consonância com o encontro entre a história pessoal e os dados relativos à situação de trabalho vivida na realidade atual. (DEJOURS, 1994).

Para Mendes (1996), caso a *Organização do Trabalho* seja reflexo de fragmentação, tarefas repetitivas e pouco significativas, baseadas em controle e foco exclusivo na produtividade, não se atentando às necessidades dos trabalhadores, predominarão as vivências de sofrimento no trabalho que se expressarão através de sintomas como a angústia e a frustração.

Diante do sofrimento e de acordo com a singularidade de cada um, o trabalhador usará recursos próprios para combatê-lo, encaminhando-o a dois destinos: estratégias de defesa e sublimação. As estratégias de defesa são procedimentos utilizados pelos trabalhadores em nível individual ou coletivo, tendo como função modificar, suavizar a percepção da realidade que faz sofrer, mantendo o equilíbrio psíquico. Não existem tipos de estratégias de defesa padronizados para todos os trabalhadores, cada categoria expressa seus modos de defesa específicos, podendo variar até dentro da mesma categoria profissional. Trata-se de um processo que ocorre em nível mental, pois não modifica a realidade de fato. Podem levar a um processo de alienação, uma vez que ocultam os verdadeiros problemas da *Organização do Trabalho*, favorecendo a ideologia dominante e prejudicando alternativas de mudança para as situações vividas. O conceito de sublimação tem sua origem na teoria de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade. As pulsões parciais, cuja satisfação é originalmente de natureza sexual, encontram uma saída substituída em uma atividade socialmente valorizada. Essas pulsões seriam redirecionadas ao trabalho, ocasionando uma saída pulsional frente ao sofrimento. Em vez de utilizar apenas os recursos das estratégias defensivas, o trabalhador pode utilizar sua criatividade e ter como conseqüência a transformação de sofrimento em prazer. Para que a situação de trabalho ative a curiosidade do sujeito é necessário que a tarefa tenha um sentido para ele dentro de sua história pessoal. A criatividade aumentaria a resistência contra a desestabilização psíquica e somática. (MENDES, 1996).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o trabalho ocupa um lugar significativo dentro da estabilização psíquica do sujeito, devendo ser considerado um articulador entre saúde e equilíbrio psíquico e não apenas como causador de sofrimento e palco facilitador para o desenvolvimento de patologias. A proposta da psicodinâmica do trabalho é favorecer a transformação do sofrimento em criatividade e, conseqüentemente, em prazer, sendo esta uma de suas maiores contribuições ao campo de estudos do trabalho e da saúde mental. Porém, para que esta condição ocorra, é necessário um reconhecimento do homem como sujeito em suas relações de trabalho, privilegiando o lugar de seu desejo sobre as imposições de um trabalho organizado sob a égide da lógica do mercado e da produção. Reconhecidamente, esta tarefa não é fácil, porém possível, desde que se leve em conta o resgate da palavra do trabalhador, gerando espaços de discussão sobre sua realidade de trabalho, dando visibilidade a sua subjetividade e a modelos de administração participativos, valorizando a ética nas relações de trabalho e reconhecendo o papel ativo do trabalhador na transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- _____. *A Banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- FREUD, Sigmund. O Mal-estar da civilização. *Obras completas*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LIMA, A. Maria Elizabeth. Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: JACQUES, M. da Graça; CODO, W (Org.). *Saúde mental e trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 50-81.
- _____. A Psicopatologia do trabalho: origens e desenvolvimento recentes na França. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília, v. 18, n.2, p.10-15, 1998.
- MENDES, Ana Magnólia. Aspectos psico-dinâmicos da relação homem: trabalho: as contribuições de C. Dejours. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Brasília, v.15, n.1, 2,3, p.34-38, 1996.